

RIQUEZA NO SUBSOLO: Desde o ano passado, mais de 30 grandes grupos manifestaram interesse pelos minérios nacionais

Corrida ao eldorado brasileiro

Abertura da mineração a empresas estrangeiras assegura investimentos de US\$ 2,5 bi até 98

Ramona Ordoñez

De volta ao futuro. As riquezas minerais do Brasil, que nos séculos passados despertaram a cobiça de vários países, voltam agora a atrair interesse. Desta vez, porém, não só de Inglaterra e Portugal. Desde que acabou a distinção entre empresas nacionais e estrangeiras, no ano passado, gigantes mundiais da mineração de Estados Unidos, Canadá, África do Sul e Austrália estão dispostos a investir pesado no país. Segundo a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), com a abertura do setor, mais de 30 grandes mineradoras estão vindo para o Brasil, tendo já assegurados investimentos da ordem de US\$ 2,5 bilhões no período de 1996 a 1998. Trata-se de um salto fantástico, de mais de 6.000% em relação aos US\$ 40 milhões anuais que vinham sendo investidos no setor nos últimos anos.

O presidente da CPRM, Carlos Oiti Berbert, disse que esses investimentos serão aplicados em projetos de pesquisa mineral, ampliação de minas e usinas de tratamento. Ele afirmou que o Brasil está entre os países do mundo que despertam maior interesse para investimentos em mineração.

— Na realidade, o Brasil está atrasado. É o último país no mundo a abrir a sua mineração para o capital estrangeiro. Até a Albânia e a China comunista já fizeram a abertura — ressaltou.

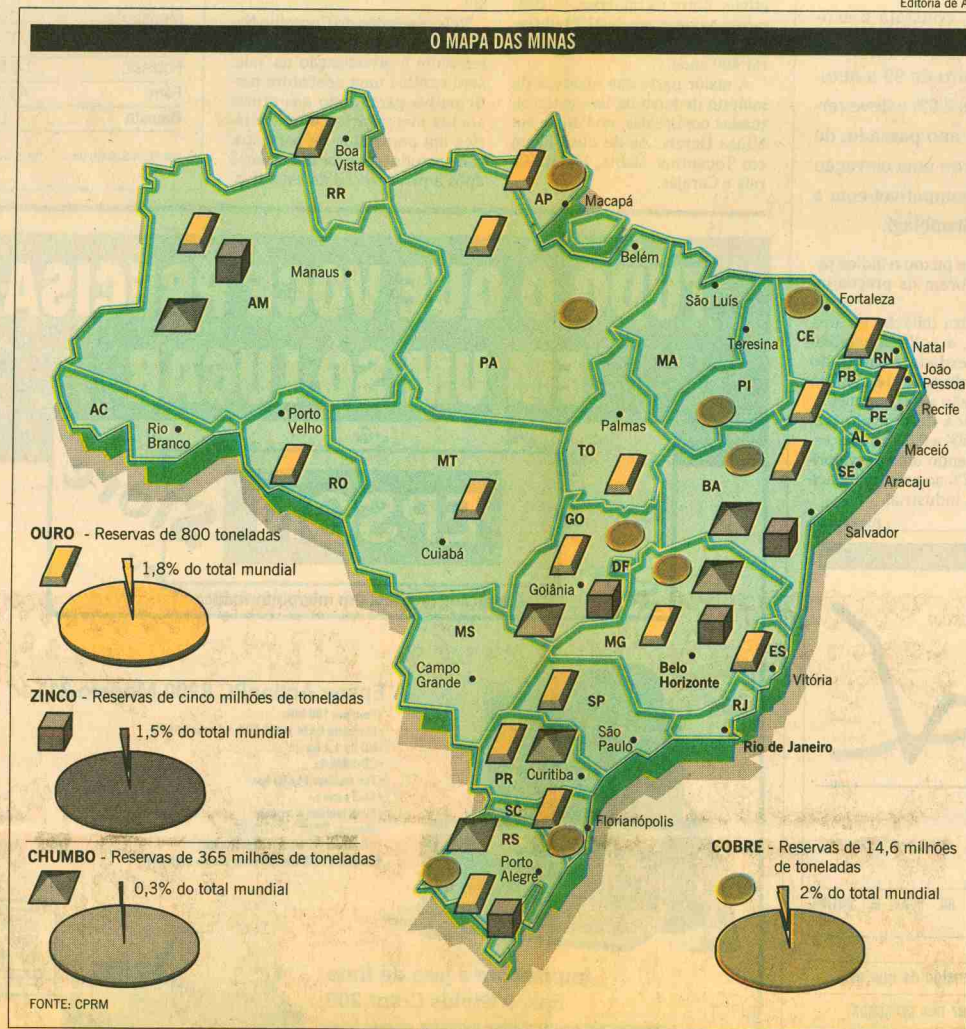
Metade do território nacional ainda é pouco conhecida

O interesse das multinacionais é explicado pela extensão territorial do país, com 8,5 milhões de quilômetros quadrados; pela constituição variada dos terrenos geológicos; e pelo fato de o Brasil ser um dos poucos países que tem todos os tipos de minerais existentes no planeta, e ser pouco explorado. Segundo Berbert, metade do território brasileiro é muito pouco conhecida.

A América Latina responde por 34% dos investimentos mundiais em mineração, o que representa cerca de US\$ 15 bilhões por ano. O presidente da CPRM destacou que o Brasil está entre os três países que se mostram mais atraentes no continente para esses investimentos. Os outros são Argentina e México.

Os minerais mais procurados para exploração são ouro e metais básicos, como cobre, zinco, chumbo e níquel, essenciais para a indústria. Também têm chamado a atenção dos investidores as jazidas de diamante e de platina.

Entre as empresas que já se registraram no Departamento Nacional de Pesquisa Mineral (DNPM) para obterem li-



cença para pesquisa ou exploração de jazidas descobertas está a gigante sul-africana Anglo American, que já atua no país em parceria com a Vale do Rio Doce. Entre as que estão vindo para o Brasil, estão a inglesa Rio Tinto Zinc; a americana Barrick Gold, a terceira maior empresa de mineração de ouro do mundo; a Pegasus e a Newmont, ambas americanas. A Newmont é uma das maiores mineradoras de ouro do mundo.

— Temos registradas só este ano 16 novas grandes mineradoras, sobretudo de ouro, que já estão instalando escri-

tórios no Brasil. Recebemos, em média, de duas a três empresas por semana interessadas em investir no país — disse Berbert.

O presidente da CPRM estima que até o fim do século mais de 200 empresas deverão estar investindo no país. O alvará para pesquisa e concessão para exploração mineral são obtidos pelas empresas privadas junto ao DNPM. Todo o conhecimento geológico, com mapas e dados sobre todas as jazidas descobertas ou sobre indícios da existência de minerais no país, está na CPRM.

Com a mudança na Constituição — que abriu, sem restrições, a pesquisa mineral ao capital estrangeiro — a CPRM continuará fazendo o levantamento geológico dos recursos minerais e hídricos do Brasil. Mas a pesquisa mineral, que também era feita pela companhia, ficará agora nas mãos de empresas privadas, nacionais e estrangeiras.

A empresa vai fazer este mês uma série de licitações, para entregar aos grupos interessados jazidas já descobertas, algumas com reservas determinadas. As principais jazidas a serem lici-

tadas são: 38 milhões de toneladas de níquel em Goiás; 4,5 milhões de toneladas de cobre, também em Goiás; jazidas de ouro ainda não delimitadas em São Paulo, Rondônia e Tocantins; 200 milhões de toneladas de carvão no Rio Grande do Sul e no Paraná; 70 milhões de metros cúbicos de turfa, em São Paulo; minério de chumbo na Bahia; e dois milhões de toneladas de nióbio no Amazonas. Também serão licitadas uma jazida de caulim de 560 milhões de toneladas no Pará — a maior do mundo — e outra de chumbo, zinco e cobre em Tocantins, com reservas totais de nove milhões de toneladas.

CPRM está vendendo também equipamentos de perfuração

Além das jazidas, a CPRM está se desfazendo de materiais e equipamentos usados na perfuração, através de leilões. De acordo com o presidente da companhia, a CPRM já arrecadou R\$ 1,5 milhão, devendo chegar a R\$ 2,5 milhões até o início do próximo ano. Com isso, a empresa está transferindo para a iniciativa privada o serviço de sondagem mineral que antes realizava. Berbert disse que, com a abertura do mercado, a CPRM está se afastando de atividades que concorram com o setor privado, caso da pesquisa mineral que envolve perfuração de poços. A empresa está leilando mais de nove mil itens do seu patrimônio.

— A mineração é um dos setores mais importantes da economia, no mundo inteiro — destacou. — O Canadá, a África do Sul e a Austrália praticamente vivem da mineração. Já os países que não têm reservas minerais são obrigados a adquirir essas riquezas de outras nações, para manter as suas indústrias de bens, equipamentos e alimentação. A água também é um bem mineral, o que mostra como os minerais são essenciais para a vida humana.

O presidente da CPRM lembrou que, no ano 2000, pela primeira vez em 120 anos, será realizado no Brasil — mais precisamente, no Rio — o Congresso Internacional de Geologia, sendo esperados mais de oito mil participantes. Segundo ele, isso demonstra a importância que o país começa a ganhar no setor. Berbert acredita que o congresso também trará mais investimentos. ■

• RESERVAS DE MINÉRIO DE FERRO DA VALE DO RIO DOCE VÃO DURAR MAIS 400 ANOS na página 26

Levantamento completo sobre as riquezas minerais do país: GLOBO ON <http://www.globo.com.br>